

“TROUXE PAPÉIS COM VERSOS, É TUDO QUANTO TENHO”¹: UM EPISÓDIO DE CAMÕES EM “QUE FAREI COM ESTE LIVRO?”², DE JOSÉ SARAMAGO

“I brought roles with verses, it's all I have”: a Camões episode in the book “Que farei com este livro?”, de José Saramago

Marcio Roberto Pereira²

RESUMO: O objetivo deste trabalho é analisar a obra de José Saramago, *Que farei com este livro?*, a partir da composição de um episódio da vida de Luiz Vaz de Camões, entre os anos de 1570 e 1572, período de retorno do poeta a Portugal e da publicação de *Os Lusíadas*. Saramago constrói todo o contexto de dificuldades que envolve a publicação da maior obra de Camões em contraponto com uma nação decadente e sem esperanças.

PALAVRAS-CHAVE: “Que farei com este livro?”; Camões; José Saramago

ABSTRACT: The objective of this study is to analyze the work of José Saramago, *Que farei com este livro?*, from the composition of an episode from the life of Luiz Vaz de Camões, between 1570 and 1572, the years when the poet returned to Portugal and tried to publish *Os Lusíadas*. Saramago builds the whole context of difficulties involving the publication of the greatest work of Camões as opposed to a decadent nation and hopeless.

KEYWORDS: “Que farei com este livro?”; Camões; José Saramago

Durante a viagem, pensei que se me abiriam as fontes quando arribasse a Lisboa. Ver a cidade fechada, atribulada de doença e em tão grande mortandade...Que pode um poeta compor?

(SARAMAGO, 1991, p. 343)

Camões nasce em uma época em que a decadência de Portugal se dourava com os restos de uma aparatosa grandeza, e quando na Europa prevalecia a ditadura monárquico-católica sobre o espírito livre da Renascença. A vida do poeta decorreu entre calamidades sociais, decepções íntimas, perseguições e desventuras, em que nunca sucumbiu. Alentou-o o ideal, a que todos esses sofrimentos deram relevo, que se tornou o pensamento novo da consagração da pátria em um pregão eterno. E quantas angustias o torturaram e mesmo o

1 SARAMAGO, José. *Que farei com este livro?* Porto: Lello & Irmão, 1991. p. 367.

2 Docente do Departamento de Literatura da UNESP - Universidade Estadual Paulista, câmpus de Assis. Doutor em Letras pela UNESP/Assis e Pós-doutorado em Literatura pela UNESP/Araraquara.

momento aziago da sua morte, não foram senão os meios e a prova como melhor sentiu e completamente se unificou com sua terra.

(BRAGA, Theóphilo. *Camões: época e vida*. 1907)

Pouco se sabe de Luís Vaz de Camões (1524-1580). Sua vida é reconstituída por historiadores, críticos e escritores que, entre poucos fatos e muitas ficções, tentam dar sentido a um dos maiores representantes da literatura em Língua Portuguesa. José Hermano Saraiva (1919-2012), por exemplo, em sua obra *Vida ignorada de Camões*, publicada em 1978, constrói uma biografia romanceada de Camões com base na sua relação com D. Violante de Andrade (cujo nome, se realmente existiu, era D. Joana de Noronha) misturando “fatos históricos”, a partir de documentos pouco confiáveis e deduções baseadas na própria obra de Camões. No entanto, as obras mais importantes sobre a “reconstrução” da vida e da obra do poeta português são anteriores à de Saraiva.

Em 1897, Wilhelm Storck (1829-1905) escreve a *Vida e obras de Luís de Camões*, cuja versão do original alemão foi anotada por Carolina Michaëlis de Vasconcellos (1851-1925), amplificando a importância de D. Violante para a vida do poeta e narrando suas peripécias em Portugal e demais lugares em que viveu. Essa construção do escritor português também é feita por Aquilino Ribeiro (1885-1963) na sua obra *Luís de Camões. Fabuloso, Verdadeiro*, publicada em 1950, que, apesar da definição de ensaio, pode ser caracterizado mais como um romance histórico que uma biografia de Camões.

Tais obras, acima citadas, se somam a *Camões: época e vida*, publicada em 1907, por Theophilo Braga (1843-1924), que faz um painel da vida de Camões a partir de um aprofundado estudo que, com base na pesquisa de Wilhelm Storck, serviu de parâmetro para compor o mais completo aprofundamento na biografia de Camões. Segundo Braga:

Hoje o que melhor representar a vida de Camões com mais verdade histórica, com mais nítida compreensão da sua época, estabelecendo com mais segurança a relação do gênio com o seu meio mental e social, ofuscará por ventura a glória que compete a quantos o precederam? Não; e, sem modéstia, basta ter presente aquele princípio que traz Voltaire no seu *Dicionário filosófico*: Tudo se faz por gradações, não cabendo a glória a ninguém. (1907, p. 2)

Assim sendo, a ideia de Theophilo Braga, emprestada de Voltaire, sobre o processo de gradações, ou, melhor dizendo, a montagem de um

painel que mistura história e ficção na construção de um Camões múltiplo, atrai a atenção de críticos e historiadores da literatura, mas também a de escritores que, a partir de pequenas pistas, criam episódios para o poeta português. Isso se dá pela ausência de uma “verdade histórica” e pelas lacunas geradas pelas peripécias que se transformaram em lendas.

Ao escrever sua obra teatral *Que farei com este livro?*, publicada em 1980, José Saramago (1922-2010) acrescenta mais um episódio à biografia oblíqua de Camões e retrata o processo de recepção da obra *Os Lusíadas* (1572) no contexto de um Portugal decadente e sem nenhuma preocupação com a história simbólica que compõe os dez cantos da maior epopeia em Língua Portuguesa. Camões encontra seu país numa inércia que não coincide com seus sonhos de sucesso e grandeza. O rei Dom Sebastião vaga pelos corredores do palácio como se fosse um fantasma à procura de seu destino. Entre um nevoeiro de incertezas sobre os destinos de Portugal, Camões é um escudeiro desconhecido que traz um livro que constrói a grandeza do povo português:

DAMIÃO DE GÓIS: O que trouxestes da Índia, Luís Vaz, foi a história do antigo Portugal, mais a grande navegação. Tudo isso que acrescentastes são casos dos nossos dias de agora, deste tempo que não sabemos para onde Portugal vai.

DIOGO DO COUTO: Vai para um profundo poço.

LUÍS DE CAMÕES: Não irá.

DAMIÃO DE GÓIS: El-rei, se fosse um soberano dado a leituras, haveria de estimar ler as oitavas que lhe dedicais no princípio da obra, as grandes conquistas ali profetizadas. Mas cuida que justamente essas oitavas não agradam ao cardeal D. Henrique, a quem inquietam aventuras. Porém, o mesmo cardeal haverá entendido, não que eu o saiba de ciência certa, mas presumo, haverá o cardeal-infante entendido que exaltando vós os portugueses e a história dos seus reis, boa contrariedade será o vosso livro para as intenções que é dito serem as de D. Catarina, que muito queria aproximar Portugal de Castela.

LUÍS DE CAMÕES: Senhor Damião de Góis, olhai que me perco entre tanto querer e não querer.

DAMIÃO DE GÓIS: Não vos disse eu logo que o vosso livro é barca onde cada qual quer viajar sem companhia?

LUÍS DE CAMÕES: Deixais-me confundido.

DAMIÃO DE GÓIS: Sem dúvida são melhores os caminhos rectos, mas esses não os há na vida das nações nem nos interesses dos paços e dinastias. A vossa obra será publicada,

Luís Vaz, mas só quando, claramente, a balança pender para um lado ou para o outro.

LUÍS DE CAMÕES: Porém, o livro não será diferente do que é.

DAMIÃO DE GÓIS: A diferença estará nos olhos que o lerem. E a parte que ficar vencedora fará que seja o livro lido com os olhos que mais lhe convierem.

DIOGO DO COUTO: E a parte vencida, que fará?

DAMIÃO DE GÓIS: Ficaré esperando a sua vez de ler e fazer ler doutra maneira.

(SARAMAGO, 1991, p. 344-5).

Camões é visto como um idealista que não sabe o que fazer com seu livro porque o contexto de Portugal não pede uma epopeia – canto de exaltação de uma nação em decadência –, mas novas conquistas, novos desafios. É importante notar que a representação de Camões proposta por José Saramago é constituída por imagens de um exilado que não reconhece mais seu país e traz na sua bagagem, após muitos anos de distância, a imagem de Portugal marcado pela inovação e pela liberdade, mas encontra um lugar apático e sem vontade, num descompasso entre a realidade deixada dezessete anos atrás e o tempo presente que faz de Camões um estranho. “Não me lembro que assim fosse quando parti para a Índia. Ou então era eu que não tinha olhos que a vissem.” (SARAMAGO, 1991, p. 344-5).

Esse descompasso entre uma nação do passado que se tornou apenas um eco no presente é o principal elemento da obra de Saramago porque mostra os meandros de uma corte sem sintonia com a nação e, também, um poeta que, depois de tantos anos no exílio, não reconhece sua terra natal. Na reconstrução desse possível episódio da vida de Camões, Saramago mostra o desencanto de um poeta que buscava um país ideal, mas encontra uma realidade que o deixa “seco e vazio”. “Olho para dentro de mim e vejo-me seco e vazio. Durante a viagem, pensei que se me abriam as fontes quanto arribasse a Lisboa.” (SARAMAGO, 1991, p. 343).

Cansado e abatido, já desiludido com seu país, o Camões de Saramago pode ser entendido como um estrangeiro perdido em seu próprio país, um homem que dedica a vida a construir sua grande obra, que ecoará em toda a literatura e cultura portuguesa, mas que é incompreendido em seu presente. Assim, Camões salva sua obra de um possível naufrágio mas ao chegar em Portugal precisa salvá-la do fogo da Inquisição e do desprezo de uma corte que vive num nevoeiro:

FREI BARTOLOMEU FERREIRA:

Entraí, senhor Luís de Camões. Cheguei, enfim, ao termo do meu trabalho, e vós ao cabo da vossa impaciência. Tenho já pronto o parecer, de que logo vos mandarei passar traslado, para que possais requerer licença de imprimissão.

LUÍS DE CAMÕES: Dá-se então Vossa Reverença por satisfeita com as alterações que fiz? Não haverá mais que suprimir e acrescentar? Não terei mais que torcer o sentido para o sujeitar ao vosso desejo sem sacrificar insuportavelmente a minha intenção?

FREI BARTOLOMEU FERREIRA:

Agradecei a Deus e às circunstâncias não terdes que praticar maior violência sobre a vossa obra. Estais lembrado da nossa primeira conversação... (SARAMAGO, 1991, p. 422).

Os infortúnios de Camões, retratados por Saramago, demonstram a tentativa de manipulação de *Os Lusíadas* frente a um contexto de censura das ideias, pela Inquisição, e de desinteresse do próprio Dom Sebastião – considerado um dos governantes mais visionários de Portugal, mas que ignora o grande gênio da literatura portuguesa:

MIGUEL DIAS: E el-rei vem entrando.

(Entra D. Sebastião, acompanhado da rainha D. Catarina, do cardeal D. Henrique, do padre Luís da Câmara, de Martim da câmara e mais personagens da corte e do Conselho de Estado. O conde de Vidigueira junta-se ao séquito, em lugar principal. Quando D. Sebastião se aproxima, Luís de Camões adianta-se.)

LUÍS DE CAMÕES: (Pondo um joelho no chão.) Alteza...(Há um movimento de surpresa, um murmúrio, o cortejo para, Martim da Câmara vem à frente). Servi dezassete anos na Índia...

MARTIM DA CÂMARA: Senhor Luis Vaz... (Agitação no séquito da rainha.)

LUÍS DE CAMÕES: Neste livro que aqui vedes tenho escrito os feitos dos vossos antepassados e as navegações dos portugueses, do povo que sois senhor.

MARTIM DA CÂMARA: Senhor Luís Vaz de Camões, afastai-vos, deixai passar Sua Alteza. Estai a importunar el-rei. Como foi que vos atrevestes?

LUÍS DE CAMÕES: Permiti, senhor, que vos leia, e que as ouça a corte, algumas oitavas, estas que não há muitos dias compus, a dedicatória a Vossa Alteza. Sabereis...

(D. Sebastião, que tem ouvido indiferente, avança para o outro lado e retira-se, levando atrás de si todo o séquito, incluindo a figuração que estivera presente desde o princípio da cena. Luís de Camões permanece como estava, com um joelho em terra, segurando os papéis abertos. Não repara que uma mulher, antes de sair, se voltara para trás, a olhá-lo. Põe-se de pé. Parece acordar.) (SARAMAGO, 1991, p. 447).

Na passagem acima, nota-se o desinteresse que Camões causa a Dom Sebastião, um rei desmistificado por Saramago, que o retrata como fraco e alienado, preso a seus pensamentos absurdos. Por outro lado, Camões é aquele que “acorda” com o “olhar da mulher que se voltara para trás”, representando seu descompasso com a corte e sua sintonia com o transcendente. De certa forma, a frase que dá título à obra e que é colocada no final da peça e a solução para o poeta é ler sua obra, já publicada, para o povo das ruas de Lisboa. O olhar da mulher é muito mais aprovador que o ignorar de Dom Sebastião. Como pensa Camões, “Os melhores sonhos são os que se fazem com os olhos abertos, não os da cegueira.” (SARAMAGO, 1991: 355).

Nota-se que *Os Lusíadas* possui duas vozes principais: uma, que constrói Vasco da Gama e suas relações com o espaço, sempre usando da palavra como principal arma para vencer os desafios que encontra (ao ouvir o velho do Restelo ou o Gigante Adamastor, Vasco da Gama manipula a palavra para aproximar-se do desconhecido); outra, sendo a voz do poeta, que organiza a epopeia mas é uma voz frágil e em sintonia com os desenganos que configuram a existência humana. Veja o seguinte fragmento que compõe o Canto I d’ *Os Lusíadas*:

Oh! Grandes e gravíssimos perigos,
Oh! Caminho da vida nunca certo,
Que, aonde a gente põe sua esperança
Tenha a vida tão pouca segurança!
(...)
Onde pode acolher-se um fraco humano,
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o Céu sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno? (CAMÕES, s/d:
34)

Tal sentimento de pequenez é muito bem retratado por José Saramago porque todos os personagens que têm contato com Camões não

compreendem sua genialidade e o real significado de sua obra para a história e literatura de Portugal. Até mesmo o conde de Vidigueira, que tem seus antepassados retratados no livro, acredita que *Os Lusíadas* é “negócio de pouca monta” (SARAMAGO, 1991, p. 417). É esse sentimento de abandono que permeia o espírito de Camões, tanto via livro de José Saramago quanto via toda uma tradição de historiadores, críticos e escritores que se aventuraram a reconstruir a vida e as circunstâncias de Camões em sua época.

De certa forma, a perspectiva do Camões saramaguiano é uma forma de contrapor o Camões recriado pelo regime salazarista, em que o poeta português é colocado a serviço de uma ditadura extremamente nacionalista. Em crônica de 10 de junho de 1975, publicada na obra *Apontamentos*, sob o título de “Nem só Camões vítima”, José Saramago faz uma análise da apropriação de Camões pelos chamados “tenores do colonialismo.” Assim sendo, ao recriar Camões, José Saramago redefine a posição do poeta que, no decorrer dos tempos continua como um grande enigma. Preenchem-se os vazios desse enigma com suposições, impressões e possibilidades.

Assis, os vazios da existência de Camões são preenchidos com ficção e história e muitas vezes essas linhas se cruzam e definem o poeta, o soldado, o homem que viu o império português de perto e soube contrapor sonho e realidade, derivados de muita loucura e obsessão pelo poder. Porém, é o porta-voz da saudade, do amor e da experiência entre o sagrado e o profano, o real e o imaginado, que compõe o canto de morte de um império na última grande epopeia do Ocidente. Talvez seja por isso que ao tentar apresentar sua obra a Dom Sebastião, a única reação do monarca e seu séquito é o silêncio. Sobra apenas o olhar de uma espécie de musa terrena que lhe dá um pouco de alento.

Dessa forma, entre a mãe que passa fome, os amigos que lhe desencorajam, a mudez do monarca e outras tantas decepções, contidas no espaço do palácio, Camões prefere começar a divulgar sua obra no meio do povo, numa rua de Lisboa. Este é o acordar do poeta.

Sabe-se pouco de Camões, mas sabe-se muito sobre o eco de sua obra e de como suas percepções sobre as conquistas, os sentimentos, as relações humanas, entre diversos temas, continuam a ser atuais e daí a tentativa, não apenas de Saramago, mas de vários outros escritores como Antonio Lobo Antunes (1942), Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004), Almada Negreiros (1893-1970), Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), Jorge de Sena (1919-1978), dentre muitos outros, de compor uma existência para o poeta português com base na sua obra e em algumas lendas que a história foi passando de geração para geração. Esse é o

questionamento de Saramago num poema intitulado “Epitáfio para Luís de Camões”, inserido na obra *Os poemas possíveis* (1966):

Que sabemos de ti, se só deixaste versos,
Que lembrança ficou no mundo que tiveste?
Do nascer ao morrer ganhaste os dias todos,
Ou perderam-te a vida os versos que fizeste?
(SARAMAGO, 1991, p. 18)

Além desse poema que questiona o homem e a obra, Saramago publica na mesma obra um poema intitulado “Fala do velho do Restelo ao astronauta”, onde atualiza o episódio d’*Os Lusíadas* em que Vasco da Gama é surpreendido pela voz de um velho que, do meio da multidão, questiona e relativiza os desejos de grandeza na construção de um império português baseado na violência e no “vão desejo de mandar”.

Nessa mesma linha, o poema de abertura do livro *Provavelmente Alegria* (1970) chama-se “Poema para Luís de Camões” e é constituído de todo aspecto contraditório que marca a relação entre Camões e Portugal: ser o poeta português mais importante e ao mesmo tempo o mais desconhecido. Nesse poema existe uma espécie de pacto entre o poeta do presente que enaltece a tradição do poeta do passado:

Meu amigo, meu espanto, meu convívio,
Quem pudera dizer-te estas grandezas,
Que eu não falo do mar, e o céu é nada
Se nos olhos me cabe.
A terra basta onde o caminho pára,
Na figura do corpo está a escala do mundo.
Olho cansado as mãos, o meu trabalho,
E sei, se tanto um homem sabe,
As veredas mais fundas da palavra
E do espaço maior que, por trás dela,
São as terras da alma.
E também sei da luz e da memória,
Das correntes do sangue o desafio
Por cima da fronteira e da diferença.
E a ardência das pedras, a dura combustão
Dos corpos percutidos como sílex,
E as grutas do pavor, onde as sombras
De peixes irreais entram as portas
Da última razão, que se esconde

Sob a névoa confusa do discurso.
E depois o silêncio, e a gravidade
Das estátuas jazentes, repousando,
Não mortas, não geladas, devolvidas
À vida inesperada, descoberta,
E depois, verticais, as labaredas
Ateadas nas frentes como espadas,
E os corpos levantados, as mãos presas,
E o instante dos olhos que se fundem
Na lágrima comum. Assim o caos
Devagar se ordenou entre as estrelas.

Eram estas as grandezas que dizia
Ou diria o meu espanto, se dizê-las
Já não fosse este canto.
(SARAMAGO, 1991, p. 97-8)

O poema acima abre uma das obras mais metalinguísticas de Saramago, que reflete sobre o processo de construção da poesia e, dessa forma, utiliza-se de Camões como um modelo a ser seguido e com o qual dialogar. É importante notar que a construção do Camões saramaguiano, seja no teatro, na crônica ou nos poemas, segue as linhas de toda tradição de compor uma biografia oblíqua sobre o poeta. Esse entrecruzamento entre ficção e história a partir de elementos mínimos para a compreensão do passado é também uma característica da pós-modernidade. Segundo Linda Hutcheon

O que a escrita pós-moderna da história e da literatura nos ensinou é que a ficção e a história são discursos, que ambas constituem sistemas de significação pelos quais damos sentido ao passado. (“aplicações da imaginação modeladora e organizadora”). Em outras palavras, o sentido e a forma não estão nos acontecimentos, mas nos sistemas que transformam esses “acontecimentos” passados em “fatos” históricos presentes. Isso não é um “desonesto refúgio para escapar a verdade”, mas um reconhecimento da função de produção de sentido dos construtos humanos. (HUTCHEON, 1991, p. 122).

Nesse entrecruzamento entre ficção e história na reconstituição de Camões, observa-se que cada poeta ou historiador busca refazer os episódios da vida do poeta português, acrescentando mais detalhes, mais coerência e,

acima de tudo a ideia de que Camões foi um homem desafortunado em sua época mesmo conhecendo o reino português de forma real, pelas navegações e, principalmente, sabendo colocar todas as tensões e impasses desse reino no contexto de sua obra magna.

Não por acaso, José Saramago, ao receber o Prêmio Nobel de Literatura, em 1998, faz um discurso de homenagem a Camões:

Que outras lições poderia eu receber de um português que viveu no século XVI que compôs as "Rimas" e as glórias, os naufrágios e os desencantos pátrios de "Os Lusíadas", que foi um génio poético absoluto, o maior da nossa literatura, por muito que isso pese a Fernando Pessoa, que a si mesmo se proclamou como o Super-Camões dela? Nenhuma lição que estivesse à minha medida, nenhuma lição que eu fosse capaz de aprender, salvo a mais simples que me poderia ser oferecida pelo homem Luís Vaz de Camões na sua estreme humanidade, por exemplo, a humildade orgulhosa de um autor que vai chamando a todas as portas à procura de quem esteja disposto a publicar-lhe o livro que escreveu, sofrendo por isso o desprezo dos ignorantes de sangue e de casta, a indiferença desdenhosa de um rei e da sua companhia de poderosos, o escárnio com que desde sempre o mundo tem recebido a visita dos poetas, dos visionários e dos loucos. Ao menos uma vez na vida todos os autores tiveram ou terão de ser Luís de Camões, mesmo se não escreverem as redondilhas de "Sôbolos rios"... Entre fidalgos da corte e censores do Santo Ofício, entre os amores de antanho e as desilusões da velhice prematura, entre a dor de escrever e a alegria de ter escrito, foi a este homem doente que regressa pobre da Índia, aonde muitos só iam para enriquecer, foi a este soldado cego de um olho e golpeado na alma, foi a este sedutor sem fortuna que não voltará nunca mais a perturbar os sentidos das damas do paço, que eu pus a viver no palco da peça teatro chamada Que farei com este livro?, em cujo final ecoa uma outra pergunta, aquela que importa verdadeiramente, aquela que nunca saberemos se alguma vez chegará a ter resposta suficiente: "Que fareis com este livro?". Humildade orgulhosa, foi essa de levar debaixo do braço uma obra-prima e ver-se injustamente enjeitado pelo mundo. Humildade orgulhosa também, e obstinada, esta de querer saber para que irão servir amanhã os livros que andamos a escrever hoje, e logo duvidar que consigam perdurar

longamente (até quando?) as razões tranquilizadoras que acaso nos estejam a ser dadas ou que estejamos a dar a nós próprios. Ninguém melhor se engana que quando consente que o enganem os outros...
(SARAMAGO, 1998)

De certa forma, o discurso de Saramago repete todas as premissas que estão colocadas na obra *Que farei com este livro?*, mostrando a principal característica de Camões em sua época, a humildade orgulhosa. Termos contrários mas que integram toda a tensão na obra de Saramago ao reconstituir não o herói, mas o homem simples que construiu a representação de Portugal, tanto histórica quanto ficcional, da melhor forma possível. Não há retrato mais completo e mais contraditório, do ponto de vista da construção de vários planos que se alinham, se excluem, se completam, que *Os Lusíadas*. Por isso a necessidade de Saramago em definir um Camões injustiçado pelo passado mas vivo e pulsante no presente.

Essa ideia também pode ser observada pela posição de Eduardo Lourenço:

Contrariamente à lenda, o povo português, ferido como tantos outros por tragédias reais na sua vida coletiva, não é um povo trágico. Está aquém ou além da tragédia. A sua maneira espontânea de se voltar ao passado em geral, e para o seu em particular, não é nostálgica e ainda menos melancólica. É simplesmente saudosa, enraizada com uma tal intensidade no que ama, quer dizer, no que é, que um olhar para o passado no que isso supõe de verdadeiro afastamento de si, uma adesão efetiva ao presente como sua condição, é mais da ordem do sonho do que do real. É esse lugar de sonho, esse lugar ao abrigo do sonho, esse passado-presente, que a “alma portuguesa” não quer abandonar (LOURENÇO, 1999, p. 14).

José Saramago, assim como todos aqueles que buscam recriar a personalidade e a época de Camões, tenta obter uma compreensão do “passado-presente” via literatura. De certa forma, seria uma demonstração de como o poeta português vislumbrava seu destino e o de Portugal no futuro, após todo o sucesso e conquistas das grandes navegações.

Em suma, o Camões saramaguiano é um espelho de Portugal. Possui uma pobreza e uma miséria que o impedem de projetar-se como um escritor de sucesso em sua época mas guarda em si uma revolução estética, cultural e linguística que marcará o futuro. Portugal, por outro lado, vive de

memórias de um passado de glória construídas a partir de escritores como Camões.

Para Maria Alzira do Seixo,

No entanto, a força extraordinária que esta peça adquire, no seu respeito pela situação histórica (política, social e linguística), é a de justamente pode ultrapassá-la para constituir um libelo contra a situação desprotegida do escritor, que é de todos os tempos mas porventura mais nossa, mais atentos que deveríamos ter-nos tronado às relações de produção no meio cultural, nomeadamente no literário - e essa intenção torna-se mais sensível através da proeminência que na ação se dá a personagens como as de Diogo Couto e Damião de Góis, que alargam a simbologia do escritor-poeta à liberdade de pensamento e de contestação. (1987, p. 32)

Essa é também a posição de Jorge de Sena, que numa espécie de fixação por Camões escreves poemas – como “Camões dirige-se aos contemporâneos” – contos – “Super Flumina Babylonis” – e muitos ensaios, que posicionam a figura de Camões como um gênio incompreendido a partir de um descompasso entre a sociedade em que vive o escritor e o alcance de suas obras, muitas vezes compreendida e valorizada somente no futuro.

Em suma, Saramago dialoga com uma tradição que não reconstitui Camões a partir de um ponto de vista apenas – seja histórico ou ficcional – mas mescla várias possibilidades para recriar o mito, sempre envolto em mistérios e em descompasso com uma realidade que ele narra em sua epopeia, mas que o faz ficar à margem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, Theophilo. *Camões: época e vida*. Porto: Livraria Chardron, 1907.

CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. 4ª. edição. Porto: Porto Editora, s. d.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991

LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da Saudade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MARTINS, Oliveira. *Camões: Os Lusíadas e a Renascença em Portugal*. Lisboa: Guimarães & Cia. Editores, 1952.

NETTO, José Paulo. *Portugal: do Fascismo à Revolução*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

PIRES, José Cardoso. *Cartilha do Marialva ou das Navegações Libertinas*. Lisboa: Ulisseia, 1967.

RIBEIRO, Aquilino. *Luís de Camões. Fabuloso, verdadeiro*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1958. SARAIVA, António José & LOPES, Oscar. *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora, 4 ed. corrigida, s/d.

SARAIVA, José Hermano. *Vida ignorada de Camões*. Publicações Europa-América, Lisboa, 1978

SARAMAGO, José. *Obras de José Saramago*. Porto: Lello & Irmão, 1991. Volume 1.

_____. *Discurso de recebimento do Prémio Nobel*, Estocolmo, 7 de Outubro de 1998.

SEIXO, Maria Alzira do. *O essencial sobre Saramago*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1987.

SENA, Jorge de. *Poesia I*. Lisboa: Círculo de Poesia / Morais.

Data de recebimento: 15 jun. 2015.

Data de aprovação: 03 ago. 2015.